



João Costa Ferreira  
pianista  
mail@joaocostaferreira.com

## Um fado com novas cores

Desde a morte de Amália Rodrigues, no final do século passado, que a atenção ao fado por parte da comunicação social vinha esmorecendo. Foi, sobretudo, com a recente distinção de Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO que esta tornou a dar ao fado a devida atenção. Apesar dos novos talentos que foram surgindo entretanto – talentos como Mariza, Camané, Ana Moura, e outros, potenciais representantes da juventude portuguesa –, as gerações mais novas não se reviam nesse Portugal cantado pelo fado, como se nessa música habitasse um Portugal de outrora, um Portugal para eles desconhecido. A importância que a comunicação social – hoje completamente rendida às redes sociais da Internet – passou então a dar ao fado tem ajudado a despertar nessas gerações o interesse pelo fado e a fazer dele um motivo de orgulho nacional.

Estes factos têm criado condições propícias àquilo a que se pode chamar de “reinvenção” do fado. É neste contexto que têm surgido nos últimos tempos cada vez mais projetos criativos em torno do fado, projetos inovadores que procuram fazer cantar o fado como nunca antes foi ouvido.

O projeto musical “Severa – o fado de um fado” é um desses projetos. Composto pela cantora lírica Ana Barros e pelo pianista francês Bruno Belthoise, ambos com formação e percurso musical na área da música clássica, “Severa – o fado de um fado” alia o popular ao erudito, quebrando limites e preconceitos que ofuscam a criação; cruza tradição e modernidade, abrindo portas a novas formas de expressão da alma portuguesa.

Este género de fado, a que o fadista João Braga, apoiante do projeto, chamou justamente de “fado operático”, distingue-se pelas suas cores – produto da formação instrumental pouco habitual nos dias que correm (voz acompanhada ao piano, por vezes acompanhada também à guitarra portuguesa de Miguel Amaral) e dos arranjos dos fados tradicionais interpretados, arranjos feitos por compositores portugueses como Sérgio Azevedo e Carlos Marecos, também eles



com formação musical dita clássica, e ainda Carlos Azevedo com percurso musical na área do jazz.

A voz lírica de Ana Barros transposta ao fado e as consequentes adaptações técnicas e cuidados interpretativos, permitem-lhe expressar da melhor forma os sentimentos do fado com traços de lirismo erudito, sem que por isso desnature esses sentimentos. Pelo contrário. O potencial expressivo que aí reside, e que tem sido o grande laboratório de Ana Barros no “Severa – o fado de um fado”, é tão vasto que, nas doses certas, pode vir mesmo a sugerir sutilezas que interessa ao fado convencional.

O mesmo acontece com o piano de Bruno Belthoise. O universo de possibilidades que este instrumento musical oferece, com a

sua imensa paleta dinâmica e de registos sonoros, permite-lhe criar atmosferas musicais tão complexas quanto os sentimentos mais profundos do ser humano. Este aspeto faz com que o piano não fique forçosamente restringido ao papel de acompanhador mas que se una à voz na expressão do significado e do sentimento das palavras.

Este duo, que desde 2012 se tem apresentado em diferentes tipos de projetos, reúne as características necessárias para fazer do “Severa – o fado de um fado” um projeto de sucesso: a experiência musical e o profissionalismo individual, recompensa da passagem por variadíssimos palcos europeus e da procura constante do perfeccionismo; o conhecimento sobre os costumes e as tradições portuguesas, produto da incessante dedicação e interesse pela cultura portuguesa.

Recentemente, “Severa – o fado de um fado” gravou o seu primeiro CD que será lançado pelo Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa (mpmp). Voltarei a escrever sobre este assunto aquando da saída do CD, num artigo onde falarei em pormenor do mpmp que tem feito um trabalho exemplar em prol da divulgação e da restituição do património musical português. 